



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.9, jan./jun.2011



LÍRICA IMPURA II

Edson Costa Duarte

A MÃO DE DRAGA

(miserere do corpo)

(...) a flor do corpo é efêmera, logo murcha, lançando o amado no abandono e no sofrimento.

(fala de Eríximaco, n' *O Banquete*, de Platão)

I

A mão de draga é minha.
Soberana quando eufórica
bate portas
armários
ilusões
e desencantos.

A mão de draga
é soberana agonia
de quem espreita
risos e bebidas:
música mais indigesta
que o coalhar das horas.

A mão de draga é minha.

II

Também tenho corpos.
Pêlos. Poros.
Ilusões e desespero.

Ele me diz:
dinheiro vício
negro carnaval
e fudas.

Também tenho o provisório
gravado no corpo
e o vasto desvario sobretudo.

Homens imberbes
comem à nossa mesa.
E sei que um dia
seremos os nós
atados
na ossatura do espírito.

Imensos.
Breves.
Desatentos.

III

Ele me diz:
Dinheiro
Casa de praia
Cobertura.

Aí onde chega
sua catarse da matéria.
Além
meu sonho sobrevoa
o excesso de águas do oceano.

A minha carne ainda lhe pertence.
Além meu corpo
é corpo do espírito.
E ali, onde estamos:
sorrisos

gritos
vaziez
e vômitos.

A minha carne é minha.
Tua. O mundo
é obscura paisagem.

Teu corpo:
tofranil
colesterol
diazepan
bebida.

A minha carne ainda é minha.

IV

Meu corpo é ilha.
Um albatroz de pés na terra.
Mergulho. Queda.

Amo demais teu nada.
Não sei homeopantias
equilíbrio
o meio.

Sei dos extremos
começo e fim.
Os meios
que se danem, sofram.

A rasura do pires.
A exatidão da mão.
O eco. Eco. ECO.

O perfume se adensa.
Corrói espaços.
Evapora memórias.

Nos meus quarenta e um
serei o vômito das palavras.

E muda

minha mão
draga o mundo.

V

Papéis.
Memória.
Pergaminhos da mente.
Que passos ainda?
Que danças macabras do desespero?

Eu me repito. Não me refuto.

A mão de draga
é abulia e injúria.
Distende o tempo.
Percorre o corpo.
Dilui tuas ilusões.
Depois se joga:
terceiro andar é pouco
pra *mise en scène* da morte.

VI

Terceira vez.
Onde estará a Sylvia?
O mundo inteiro desencontro.
Prestígio. Ilusão. Nonada.

Meus pés sabem o chão.
O duro amor do insabido.
O insabido é nada.
E tenho pés cabeça sexo.

E meus neurônios
sabem
sinapse
álcool na mente
fumo no abstrato.

O meu espírito é draga.

VII

A mão de draga
no meio é sexo
um obtuso carinho.

Segundo plano:
doentio desengano.

Casal é sempre
o chinês e o humano.

VIII

Meu sexo é
roteiro
casa
estranho malefício.

Meu ar é
escuro e fundo.
E quando penso
bate asas
o espírito-e-o-santo.
E vai
vai além
do desespero.

Meu ar
meu sexo

é o nada.

IX

A medida do medo
é a grandeza da dor:
desejo escorrendo
entre meus dedos.

A mão de draga

é funda confiança
agonia implume
espaço do festim dos anos.

Não comemoramos ainda
a ira
o ódio
o desencontro.

Retemos apenas
corpos nomes
e depois broxamos.

O coito é corpo
possuído de gozo.
E gozo é pequena morte
em vida.

X

A mão de draga
passeia geografias
paisagens da mente
súbitos desvarios.

Ela sabe tudo.
É rancorosa e gasta.
Sabe do tempo:
julhos abris agostos.

A mão de draga é minha.
Tua.
Do mundo.
Do ninguém.

A mão de draga
é o que crias na mente
para cegar o amor em desespero.

A mão de draga é minha.

CARMINA CORDE

(cantigas e justas)

Um anel de ouro com o sol dentro?
Mentiras. Mentiras e dor.

Sylvia Plath

O meu amor inteiro
foi fundo vasto
doentio desespero.

Adriana Meissa

I

Ele me deu a mão
no mês das noivas.
Era esguia sua língua
e ainda pedra meu rosto.

Ele beijou-me o gosto
- memória justa do amor
do corpo inteirado.

Eu nada sabia ainda.
Só brusca melancolia
fisgou meu rosto.
Eu nada sabia
do tardio eco
do amor que avança.

II

Era de pedra meu rosto.
Ele sentiu o duro afã
e seu desgosto:
raiz mais funda
dilatada em água.

III

Ele sentiu o duro afã.
E a tez do sangue
era fluxo voraz
do sentimento.

Ele nunca comera
o paradoxo da fome.

IV

Depois os três
- corpos imersos
no paraíso impuro
do gozo.

A mesa do bar.
A casa.
O quarto inteiro.

Depois os dois
diluindo agonias
enquanto na sala
meu corpo era
estranha ferida.

Ele sabia tudo.
O jogo.
O refluxo da vida
que nos empurra
pro ódio do amor.

V

O refluxo da vida
era meu corpo
tateando o escuro.
Muda agonia
comendo afagos
e ruídos medidos
ao sabor da justa.

Depois na sala
a catarse da carne
que não suporta
o possível gozo do outro.

Éramos então animais
famintos do coito.
Do luto do gozo.

VI

Haveria ainda quadraturas
exatas no meu mapa?
Ou seriam apenas
imaturas invenções
pro tamanho de nossa fome?

Pensamos bem pouco
na coalisão dos astros.

VII

O tamanho da fome
era frio desafeto.
Imprecisão do toque.
Medo e desavença.

A cama posta.
A mesa pronta.
A casa inteira nossa.

Mais tarde:
Bebida
fumo.
crueldade imensa
na alma
que agoniza.

VIII

Lá fora o cavalo.

Ele cobre éguas
olhando pro céu
ausente animal
da sua sina.

Depois eles
gritam babam
e num minuto
são o vazio e o pleno.

IX

Agora a futura fome
dos desatinos.

Anjos nos oferecem
a doçura da carne.
O rebolar das ancas
sobre o nosso corpo.

Eles possuem nosso gozo
sabendo precoces
a dureza coito do coito
- infantes de penas.

Eles se vão como ventos
- patéticos animais
fugindo do insuportável
de saber
mortalidade na alma.

X

Além os esgares.
Animais noturnos.

Corujas.
Corvos.
Gaviões.

Dentro do sono
somos redonda pedra

- matéria derruída.

XI

O fim do jogo.
Desafetos sobre a mesa.

O gozo apodrecido
em algum canto.
Sala. Quarto. Banheiro.

As geografias da mente
importam pouco nessa hora.

A agonia
é estranha imagem
para constar
no álbum de retratos.

Decantada no peito
ela nos faz
caretas e sorrisos.

Mesmo que braços
são o retrato
amargo da alegria.

XII

Nós somos fênix.
Sísifos maduros.

Não dispomos de tempos.
Sabemos bem o que é o agora.

Mitos tardios.
Racionais macacos.

XIII

Escutemos a confissão de um companheiro de inferno:

Rimbaud

Ele me deu a mão
no mês das noivas.
Era esguia sua língua
e ainda pedra meu rosto.

Ele beijou-me o gosto
- memória justa do amor
do corpo inteirado.

Eu nada sabia ainda.
Só brusca melancolia
fisgou meu rosto.
Eu nada sabia
do tardio eco
do amor que avança.

Poema recebido em 5/02/2011 e publicado em 1/10/2011.